

# A ABORDAGEM DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E GÊNERO NAS ESCOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROFESSOR DE BIOLOGIA EM FORMAÇÃO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Gabriel dos Santos Lima Sardinha<sup>1</sup>

Michel Mendes<sup>2</sup>

Leandro Jorge Coelho<sup>3</sup>

## RESUMO

A Residência Pedagógica é um programa nacional financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES que visa fortalecer a formação de estudantes dos cursos de licenciatura, permitindo um maior contato com a sala de aula antes de terminarem o curso. O subprojeto vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás tem como temática: Educação em Sexualidade e Gênero. O objetivo deste trabalho é descrever de forma crítica as experiências do primeiro autor como professor de Biologia em formação, com base nas aulas ministradas em uma escola de Goiânia, a partir de temáticas vinculadas ao campo da educação em gênero e sexualidade, a fim de refletir sobre suas contribuições para a formação inicial de professores e dos estudantes da educação básica. Para apropriação do conhecimento, as reflexões seguiram as ideais do pensamento Freiriano e das discussões de gênero, sexualidade e educação. Foram ministradas duas aulas: na primeira abordou-se o Machismo, a Misoginia e a Heteronormatividade; já na segunda aula, o Feminismo, o Patriarcalismo e a Teoria Queer. Como resultados, houve boa participação dos estudantes e a maioria demonstrou interesse frente a temática, o que mostra que a discussão é relevante para a construção dos indivíduos como cidadãos críticos capazes de entender a diversidade e visualizar as conquistas que foram e ainda necessitam ser traçadas para que todas as pessoas alcancem seus direitos.

**Palavras-chave:** Formação de Professores, Sexualidade e Gênero, Educação sexual, Residência Pedagógica.

## INTRODUÇÃO

A conjuntura atual embora tenha avançado, ainda é impregnada de preconceitos, racismo, violências, controle sobre o corpo das mulheres e discursos de ódio contra as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, interssexuais, assexuais, pansexuais, não-binária e outros) ainda é determinada por influências históricas sustentadas no patriarcalismo, no qual o homem foi e continua sendo o indivíduo detentor do poder na contemporaneidade (Junqueira, 2017). Nesse sentido, é perceptível em pleno século

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal de Goiás - UFG, [gabrielsardinha@discente.ufg.br](mailto:gabrielsardinha@discente.ufg.br);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor, Instituto de Ciências Biológicas (ICB) - UFG, [michel.mendes@ufg.br](mailto:michel.mendes@ufg.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor, Instituto de Ciências Biológicas (ICB) - UFG, [leandrocoelho@ufg.br](mailto:leandrocoelho@ufg.br).

XXI, o avanço nas conquistas sociais e nos direitos conquistados pelas mulheres, que muitas das vezes são referidas como o “sexo frágil” e que diariamente são oprimidas pelo fato de serem o que são (Silva, 2010). Nessa mesma perspectiva, a diversidade de gênero dentro do movimento LGBTQIAPN+ a cada dia cresce. Essas pessoas representam um grupo social que vivencia desafios diários e, principalmente, quando crianças, dentro das escolas, um dos primeiros ambientes que irá inserir esses indivíduos, “sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (Freire, 1996, p. 23), para se desenvolverem, e tentarem se descobrir como pessoas até a fase adulta (Amando; Cusati; Carvalho, 2019).

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em consonância com a Política Nacional de Formação de Professores. Sua finalidade é promover projetos institucionais implementados por Instituições de Ensino Superior (IES), colaborando para a inserção dos residentes que cursam licenciatura em contato com seu futuro local de trabalho, para que tenham contato próximo aos professores da educação básica. Na Licenciatura em Ciências Biológicas (LCB) o subprojeto da Residência tem como tema Educação em Sexualidade e Gênero. Participam do subprojeto dois docentes, quinze estudantes bolsistas e três voluntários do curso de LCB, além de três docentes de escolas estaduais de Goiânia. São realizados encontros quinzenais de estudos, planejamento, regência e socialização das experiências.

Diante disso, o objetivo deste relato é descrever de forma crítica as experiências do primeiro autor como professor de Biologia em formação, com base nas minhas ministradas em uma escola de Goiânia, a partir de temáticas vinculadas ao campo da educação em gênero e sexualidade, a fim de refletir sobre suas contribuições para a formação inicial de professores e dos estudantes da educação básica. Assumo como referencial teórico a pedagogia Freireana (Freire, 1996, 1987) que apresenta uma discussão profunda na relação educador-educando e as abordagens de (Louro, 1997) que envolve gênero, sexualidade e educação.

Para alcançar esse objetivo, a RP se organizou por meio de encontros na Universidade Federal de Goiás (UFG), com momentos de estudos voltados à discussão dos seguintes textos: A atualidade de Paulo Freire em seis dimensões: epistemológica, tecnológica, política, social, profissional e estética (Pitano; Streck, 2021) em que o utilizei para entender a construção do conhecimento e reinvenção do mesmo na interação sujeito-realidade para a compreensão dos indivíduos em sua totalidade, dentro das dimensões já mencionadas, vinculando-as com a prática pedagógica educativa no contexto atual; A emergência do "gênero" (Louro, 1997), buscamos nos apropriar do conceito de gênero conforme os estudos desenvolvidos por essa autora que faz um recorte histórico desde a

primeira onda do movimento feminista para entendermos as lutas que as mulheres enfrentaram para ganharem espaço na sociedade. Desse modo, “a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender - e justificar a - desigualdade social” (Louro, 1997. p. 21) e Educação de Crianças e Adolescentes Intersexo (Santos, 2020). Posteriormente, foram lidos alguns capítulos do livro Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996) e os três momentos pedagógicos, de modo a articular e pensar como as temáticas sobre educação, sexualidade e gênero iriam ser realizadas dentro das salas de aula.

Realizei a visita na escola campo, e no encontro da RP, foi discutido sobre intersexo e que comumente é confundido com os animais hermafrodita que são estudados na zoologia. Vi que o conceito de intersexo:

É compreendido como uma diversidade de condições, nas quais as pessoas apresentam características “entre os sexos” ditos biológicos macho e fêmea. Essas características se observam nos aspectos reprodutivos, genitais e genéticas. Os Intersexos são pessoas que não se encaixam na concepção conservadora de sexo binário masculino ou feminino, antigamente conhecidas como hermafroditas. Sua prevalência é significativa, pois representa cerca de 1,7% da população. Porém, a existência na condição Intersexo é questionada em uma sociedade binária, na qual, desde a vida fetal, há a escolha de apenas dois gêneros: menino ou menina (Santos, 2020, p. 7).

Dessa forma, foi desmistificada a ideia vinculada durante o ensino médio dos animais hermafroditas com as pessoas intersexo. Nas outras reuniões foram organizados grupos para que cada um ministrasse a discussão da semana, no qual utilizei como base o livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (Paulo Freire, 1996).

Neste relato de experiência, apresento as discussões de gênero e sexualidade desenvolvidas dentro de uma escola pública de ensino em quatro momentos, através da Residência Pedagógica (RP). No primeiro momento, destaco de forma contextualizada o meu contato inicial com a escola campo e os instrumentos utilizados durante a RP. Já no segundo momento, será relatada a minha experiência como professor de Biologia em formação em consonância com o tema da aula que ministrei juntamente da minha dupla nesse projeto. No terceiro e último momento, apresentarei os resultados obtidos a partir desse momento como professor, conforme cada turma que recebeu a aula.

## **PLANEJAMENTO DA EXPERIÊNCIA - METODOLOGIA**

Antes de planejar as aulas, seguindo os passos da abordagem Freireana, compreendi a proposta didática dos três momentos pedagógicos mencionados anteriormente. Esse

momentos foram propostos por “Delizoicov e Angotti (1990) e também investigada por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002), durante o processo de formação de professores na região de Guiné-Bissau” (Bonfim; Costa; Nascimento, 2018, p. 188), com base no círculo de investigação freireana que tem a abordagem pedagógica para que o aluno seja o protagonista da sala de aula, dentro de um processo de dialogicidade, criticidade e conscientização social organizados por ele para o bom funcionamento dos locais de ensino-aprendizagem (Freire, 1987).

Esses momentos são organizados em: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. O primeiro momento baseia-se em contextualizar o conteúdo a ser ministrado em sala de aula de acordo com a realidade do aluno, ou seja, situações que eles vivenciam diariamente. Aqui se percebe as dificuldades deles em interpretar o que foi proposto devido à falta de contato com os conhecimentos científicos. Esses desafios podem ser explicados conforme as situações limites, acontecimentos que impedem que o aluno compreenda o conhecimento como ele é, impedindo-o de acessá-lo. Após essa instigação inicial, espera-se que os estudantes enxerguem suas concepções construídas ao longo do tempo, e sintam a necessidade de organizar seu pensamento a partir de conhecimentos que eles não haviam contato (Bonfim; Costa; Nascimento, 2018).

O segundo momento, após o tema da aula ser problematizado com a realidade dos educandos, os conteúdos serão sistematizados pelo professor, juntamente dos alunos. É nesse sentido que para que os conceitos científicos, analogias com outras áreas do conhecimento, recursos tecnológicos como vídeos educativos e críticos, até mesmo os aparelhos celulares são utilizados para dar suporte teórico à temática que será aprofundada (Bonfim; Costa; Nascimento, 2018).

No terceiro momento, posteriormente a problematização inicial e organização do conhecimento, a aplicação do conhecimento tem como intuito ainda permanecer na mesma linha de raciocínio para construir o conhecimento de forma crítica e sistemática. O professor pode se desprender do recurso prova diagnóstica (objetiva ou discursiva) e utilizar de outros recursos para avaliar a aprendizagem dos alunos, podendo ser rodas de conversa, resumos, elaboração de mapas mentais, entre outras atividades. Cabe ao docente questionar ou apresentar conceitos que não foram apresentados ao decorrer da aula caso haja necessidade de detalhar definições importantes para a compreensão dos educandos (Bonfim; Costa; Nascimento, 2018).

Por fim, e não menos importante, tive um encontro com o enfoque na discussão sobre gênero e diversidade na escola com o intuito central no entendimento de sexualidade e

orientação sexual. Após essa longa trajetória de estudos e discussões, segui com o planejamento das aulas. Cada grupo ficou responsável por realizar uma micro aula para compartilhar como estava para apresentar os assuntos das aulas para os alunos na escola.

No primeiro reencontro coletivo de integração e dinâmicas das atividades a serem realizadas na RP, foram organizados os grupos entre os colegas e sorteado o nome da escola no qual cada grupo ficaria. Eu fiquei com o CEPI Santa Luzia, uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em Aparecida de Goiânia - GO, juntamente com um professor e preceptor da RP. Cada grupo possuía seis integrantes, e foi dividido em duplas, no qual cada uma trabalhou com temáticas diferentes no que tange ao tema da RP, mas ambos temas multidisciplinares, além de conectar uns com os outros.

Durante a primeira visita à escola, que ocorreu em fevereiro de 2023, juntamente com outros membros do projeto, deparei-me com algumas dificuldades relacionadas ao deslocamento. Sendo estudante e dependente de transporte público, a escola possui uma localização distante de onde moro e da Universidade Federal de Goiás (UFG), no qual sou aluno de graduação. Desse modo, para que eu continuasse no projeto, segui os pensamentos de Freire, no qual vencer as dificuldades da realidade, estimula o processo de busca que o conhecimento implica (Freire, 1996).

Conforme a aproximação do contexto escolar do CEPI Santa Luzia, percebi que o colégio possui traços e uma dinâmica de gestão democrática-participativa, em que os alunos possuem autonomia para falarem com os professores (Libâneo; Oliveira; Toschi, 2012), há liberdade de expressão dos alunos LGBTQIAPN+, assim como nunca tinha visto em outras escolas. “O desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno” (Freire, 1987, p. 16) é fundamental para o funcionamento da escola e favorece para a apropriação dos alunos frente aos conteúdos ministrados no dia a dia. Outrossim, a escola me mostrou ser bastante inclusiva, pois há professores de apoio que acompanham os alunos com deficiência cognitiva dentro da sala de aula e nas salas de apoio.

Para o primeiro módulo da RP, o grupo chegou em um acordo a respeito das temáticas a serem trabalhadas dentro da sala de aula. Foram organizadas as aulas no formato de um simpósio a ser realizado em um único dia. Cada dia de simpósio possuía um intervalo de 15 dias entre um e outro, sendo que foram realizados dois dias de aula. Eu decidi trabalhar na primeira aula sobre Machismo, Misoginia e Heteronormatividade, e na segunda aula Feminismo, Patriarcalismo e Teoria Queer.

Mesmo sendo uma escola pública, ministrei a aula em uma sala que possui um recurso tecnológico inovador, um quadro inteligente que funciona como computador digital.

Foram utilizados slides com imagens ilustrativas envolvendo o contexto histórico e a atualidade, além de vídeos didáticos.

## **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As aulas foram ministradas para as turmas do segundo ano do ensino médio (A, B e C). No primeiro dia de aula, apesar do nervosismo, a turma inicial foi o 2º ano C, e não houve muita interação, a aula foi mais expositiva do que interativa com os alunos. Mesmo assim, tentei colocar os alunos para lerem o material da aula de forma oral para os colegas, uma forma de tentar instigar os estudantes. Por ser de manhã e a turma ter acordado a pouco tempo e haver alunos cansados por necessitar trabalhar para ajudarem em casa, isso foi um ponto negativo da aula, pois muitos alunos dormiram sobre suas mesas, senti que faltou necessidade de eu impor “minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever” (Freire, 1996, p. 32), mas respeitando a realidade de cada aluno.

A segunda turma foi o 2º ano B, houve mais participação, em específico de meninas que se opuseram de forma crítica ao machismo, o que se esperava delas. A última turma foi o 3º ano A, turma onde houve maior participação. Esteve presente na aula a professora de apoio que tem como propósito na escola acompanhar os alunos com deficiências, oferecendo apoio individualizado e adaptando os conteúdos ministrados na escola para que esses alunos compreendam. Ela acabou por auxiliar no desenvolvimento da aula, instigando a participação dos alunos para que eles fizessem perguntas a mim, mostrando sua opinião como uma mulher no contexto do conteúdo ministrado. Na figura 1 é uma imagem retirada durante o momento de regência.



**Fig.1.** Aula expositiva no Colégio. Fonte: autoria própria, 2023.

Após os quinze dias da primeira aula, voltei ao colégio para ministrar a segunda aula, agora mais confiante. A primeira turma foi o 2º ano B, seguido do A e C. Nessa primeira turma mais uma vez, as meninas participaram muito e demonstraram entender do tema, citando até mesmo exemplos de vertentes dentro do movimento Feminista, sendo a segunda turma mais participativa desse dia, e a com mais interação foi a turma C. Pude perceber que a participação das turmas variam com os dias e temas das aulas, a turma que menos participou em um dia, foi a mais participativa no outro, fazendo-me entender que cada aluno é turma possuem uma realidade diferente.

Outrossim, ficou evidente a falta de ânimo dos alunos durante os inícios das aulas, com os temas a serem trabalhados. Para a compreensão dos temas das aulas, era necessário realizar a contextualização histórica para entender os processos desde os períodos remotos até a atualidade, vi que eles ficavam entediados. Porém, na segunda metade da aula, conforme mostrei notícias, vídeos e imagens dos dias atuais, eles participavam mais e faziam até brincadeiras com os exemplos mostrados.

Na aula inicial deixei como atividade para casa a construção de um texto crítico envolvendo o tema, deixando-os livres para usarem exemplos de filmes, músicas e vídeos na internet que se encaixassem com o tema proposto, na tentativa deles usarem os recursos tecnológicos e os aproximarem da aula. Na segunda aula, utilizamos como recurso interativo uma roda de conversa com o seguinte foco: Análise de elementos culturais e retomada dos

conceitos estudados em sala. Como é a representação da mulher nas mídias que você consome? Como transformar a realidade desigual em que se vive?

A discussão de gênero, sexualidade e educação é uma temática que não envolve somente aspectos biológicos e fisiológicos do corpo humano que se vê dentro da Biologia. Para além disso, a diversidade social de pessoas que compõem a sociedade é heterogênea, e os indivíduos são construídos socialmente através de influências recebidas ao longo da vida no que tange todas as áreas do conhecimento.

Sendo a RP uma das oportunidades de adentrar a sala de aula durante o meu curso de formação para professor, senti-me mais confiante e preparado do que os outros momentos que tive dentro de escolas para realizar esse mesmo papel. As discussões realizadas nas reuniões me fizeram sentir essa sensação de aptidão.

Confesso que no início me senti despreparado para ministrar as aulas dentro dessa temática, vendo que se vive em um mundo doentio, onde as pessoas são submetidas a atrocidades diariamente contra a diversidade de gênero e sexualidade que existem (Peres, 2009), até mesmo os professores que buscam levar o conhecimento aos alunos são alvos. Assim sendo, um dos papéis da educação é formar seres capazes de conviver “[...] com as diferenças por meio da produção de sentimentos e atitudes de fraternidade, solidariedade e igualdade de direitos, valorizando o coletivo e garantindo o acesso à informação, sem o que é impossível às pessoas a construção de suas cidadanias” (Peres, 2009, p. 249). Essa diversidade a qual me retrato é a comunidade LGBTQIAPN+, a mesma que é vista como um mal na contemporaneidade, como um grupo de indivíduos que devem ser segregados dos membros cisgêneros normalmente aceitos ao longo da história do mundo.

Trabalhar com a temática do relato aqui presente em uma escola com o 2º ano do Ensino Médio (A, B e C) foi um desafio, pois a ignorância enraizada nas pessoas ainda deverá ser derrubada com muita luta (Freire, 1987). Sentia-me insuficiente para tentar responder questões dentro do tema sem ter domínio teórico para lidar com o assunto, mesmo estudando muito, lendo os materiais de referência, ficava desconfortável dentro das reuniões em alguns momentos, por isso não fui tão participativo. Entendi que dentro da sala de aula, o professor deve estar preparado para as diferentes e surpreendentes brincadeiras, piadas e dúvidas que podem aparecer, e caso não saber, ser humilde em reconhecer e buscar responder essas questões na próxima aula com os alunos, pois “ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores” (Freire, 1996) e educandos e os professores não são indivíduos com o conhecimento absoluto acerca das coisas, ele como um ser inconcluso, sabe

da sua inconclusão, para isso, ele sempre tenta buscar o saber, dentro do contexto histórico na qual o homem está inserido (Freire, 1996, 1987).

A primeira atividade deixada para os alunos, como já mencionado anteriormente, baseava-se na construção de um texto crítico conforme o conteúdo da primeira aula. Menos da metade da turma entregou a atividade no segundo dia que retornamos, fiquei um pouco preocupado com a falta de entrega da atividade pelas turmas, isso aconteceu em todas. Seguindo a lógica de participação das turmas, o 2º ano C nos surpreendeu, sendo a turma com mais entrega de atividades, em seguida o 2º ano A e B.

Visualizei que ainda há erros de ortografia, faltas de pontuação e acentuação na produção de texto dos estudantes. Estando eles na reta final do ensino médio, isso se torna preocupante, visto que esses alunos foram "vítimas" da pandemia da COVID-19, o que pode justificar essa deficiência na escrita.. Dessa forma, as produções de texto foram de acordo com o proposto, havendo algumas atividades que não atingiram as orientações estabelecidas por nós professores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante disso, ao preparar uma das minhas poucas aulas como professor, mesmo que em dupla, pude sentir na pele a sensação de proximidade com o curso que escolhi levar para a vida, pude aprimorar a minha “capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (Freire, 1996, p. 35). A cada dia reconheço que a carreira docente não é uma atividade fácil, e ainda é muito desvalorizada. Participar da RP é relevante na minha construção como futuro professor de Biologia, pois me coloca em contato com a variedade de contextos e desafios que eu como professor passei, juntamente dos alunos. Reconheço agora que todos os obstáculos traçados foram desafios imprescindíveis para que eu construísse a minha prática educativa (Freire, 1996).

Trabalhar com a temática da RP é fundamental em todos os cursos de formação para professores e nas escolas para que os jovens cresçam conscientes da diversidade que existe no mundo, e para além de respeitar, saber que existe espaço para cada um. Aulas como as ministradas nesse projeto deveriam ser realizadas em todas as escolas, além da própria necessidade de incluir esse conteúdo no currículo da escola, pois a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) rejeita, na justificativa de que esses temas podem causar crises de identidade e afetar a integridade moral de quem tem acesso a essas temáticas. Assuntos como

o desenvolvimento humano, doenças e infecções sexualmente transmissíveis, medidas de prevenção sexuais, estudos sobre o sistema reprodutor humano e a comunidade LGBTQIAPN+ não é ensinar na prática como ocorre o ato sexual, como infelizmente pessoas desprovidas de conhecimento pensam, culpabilizando os professores como doutrinadores ideológicos.

Esses pensamentos colocam em perigo a própria formação do professor, independente de qual disciplina é ministrada. Ao discutir sobre essas temáticas, há relatos de docentes que são ameaçados, alvos de outros tipos de violência, até mesmo de morte por pais ou familiares dos alunos. Reconheço as escolas como um local de construção do conhecimento e situações como essas não deveriam ser visualizadas, uma vez que “a instituição escolar é um espaço privilegiado para fomentar o respeito à dignidade das pessoas e de suas famílias” (Mello; Grossi; Uziel, 2009, p. 175).

Isso é um importante exemplo da falta de conhecimento que a sociedade tem em abrir as mentes para entender a relevância desses temas para a construção das crianças e dos jovens como futuros cidadãos plurais, críticos e humanizados. Por isso, é necessário que professores em formação e já formados não desistam de lutar por uma educação melhor e inclusiva, em coerência com o pensar certo, ancorado no referencial freireano. Nessa perspectiva, pensar certo é reconhecer que o mundo está sendo assim, logo, é condição que pode ser transformada; e não está determinado, aspecto que indica imobilismo (Freire, 1996).

Frente ao exposto, a Residência Pedagógica é um programa que se mostra alinhada à perspectiva de ser mais, pois permite que o processo dialético da ação e reflexão flua constantemente.

## REFERÊNCIAS

AMANDO, M. R.; CUSATI, I. C.; CARVALHO, O. F. Normatividade cultural e marginalização das sexualidades: o preconceito no ambiente escolar contra a pessoa LGBT. **Momento - Diálogos Em Educação**, 28(3), 128–147, 2019. <https://doi.org/10.14295/momento.v28i3.9162>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BONFIM, D. D. S.; COSTA, P. C. F.; NASCIMENTO, W. J. A Abordagem dos Três Momentos Pedagógicos no Estudo de Velocidade Escalar Média. **Experiências em Ensino de Ciências V.13, No.1**, [s. l.], p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/224>. Acesso em: 30 set. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. *et al.* **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. 275 p. Disponível em: <https://archive.org/details/educacao-escolar-politicas-estrutura-e-organizacao-jose-carlos-libaneo/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 5 out. 2023.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MELLO, L. *et al.* A Escola e @s Filh@s de Lésbicas e Gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Coleção Educação Para Todos, 2009. p. 1-442. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/diversidade-sexual-na-educacao-problematizacoes-sobre-a-homofobia-nas-escolas,782018bd-1b74-4581-a9f6-61ca397f1c72>. Acesso em: 27 set. 2023.

PERES, W. S. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Coleção Educação Para Todos, 2009. p. 1-442. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/diversidade-sexual-na-educacao-problematizacoes-sobre-a-homofobia-nas-escolas,782018bd-1b74-4581-a9f6-61ca397f1c72>. Acesso em: 27 set. 2023.

JUNQUEIRA, R. D. “Ideologia de Gênero”: A Gênese de uma Categoria Política Reacionária – ou: A Promoção dos Direitos Humanos se tornou uma “Ameaça à Família Natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina C. *et al.* **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da Furg, 2017. p. 1-282. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em: 27 set. 2023.

SANTOS, T. E. C. **Educação de crianças e adolescentes intersexo**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2020. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193215/santos\\_tec\\_dr\\_mar.pdf?sequence=9&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193215/santos_tec_dr_mar.pdf?sequence=9&isAllowed=y) Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, E. R. Feminismo Radical – Pensamento e Movimento. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. e3107, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, O. **LGBTfobia e Racismo no Mundo do Trabalho**. Brasília: Editoração:

VÁZQUEZ, F., 2017. 32 p.